

O “BALÉ” E O SENTIDO DO DESENCARNE NO BATUQUE SUL- RIOGRANDENSE EM ARROIO GRANDE-RS

MAYSON GONÇALVES BRUM¹; **THIAGO SILVA DE AMORIM JESUS²**;
MARCO AURELIO DA CRUZ SOUZA³

¹UFPEL – maysonbrumj@gmail.com

²UFPEL – thiago.amorim@ufpel.edu.br

³UFPEL – marcoaurelio.souzamarco@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Para começar esta reflexão, peço o meu AGÔ¹ ao “Orixá dos Caminhos”, Bará, para que ele me ajude a trilhar as linhas de pensamento e que as encruzilhadas possam tornar este texto e esta partilha de maior entendimento a todas as pessoas que aqui se aventuram conosco.

O trabalho com o título de “O ‘Balé’ e o Sentido do Desencarne no Batuque Sul-riograndense em Arroio Grande-RS” que é fruto de uma ação de pesquisa do Projeto Unificado com Ênfase em Pesquisa “Poética Populares na Contemporaneidade”, desenvolvida em parceria com Núcleo de Folclore e Culturas Populares da UFPel - NUFOULK e vinculada ao Grupo de Pesquisa OMEGA - Observatório de Memória, Educação, Gesto e Arte.

O presente estudo é um desdobramento da investigação “Passagem e Despedida: ritos de desencarne do Batuque afro-gaúcho de Nação Jêje em Arroio Grande-RS” que vem sendo realizada desde o ano de 2022.

Aqui pretendemos compreender e refletir sobre o sentido do desencarne no âmbito desta matriz religiosa afro-diaspórica (batuque), bem como entender os aspectos que envolvem a morte/passagem dentro de uma Casa de Religião de Matriz Africana, especificamente “Reino Africano de Ogum e Iansã e Exu Tiriri”, localizada na referida cidade, da qual sou participante.

Para isso serão usados os seguintes autores principais: Thiago Rodrigues Tavares- Um Ritual de Passagem do Processo Histórico do Morrer; Cauê Fraga Machado- Tem Que Saber Iniciar, Tem Que Saber Terminar: O Desfazer no Batuque Gaúcho; Michael Angrosino- Etnografia e Observação Participante; e Norton F. Corrêa- O Batuque do Rio Grande do Sul.

2. METODOLOGIA

A pesquisa é qualitativa e configura-se como um estudo de caráter etnográfico, atravessado pela auto-ethnografia (em função de minha participação direta no contexto da investigação como participante-observante). De acordo com Angrosino (2009), uma característica deste tipo de estudo é a expectativa de que os pesquisadores e as pesquisadoras sejam (auto)reflexivos, estando sempre preocupados com quem eles são e a posição (papel social) que ocupam no mundo. A etnografia tem como base estudar os coletivos culturais e suas determinadas produções culturais.

¹ Este termo significa pedir licença ou permissão. Também, em algumas circunstâncias, pode significar perdão e/ou proteção pelo que se está fazendo.

Segundo Angrosino (2009):

Etnografia significa literalmente a descrição de um povo. É importante entender que a Etnografia lida com gente no sentido coletivo da palavra, e não como indivíduo. Sendo a etnografia é uma maneira de estudar pessoas em grupos organizados, duradouros, que podem ser chamados de comunidades ou sociedades.

Por sua vez, segundo Fortin (2012) diz que a auto etnografia caracteriza-se como “próxima da autobiografia, dos relatórios sobre si, das histórias de vida, dos relatos anedóticos” e é identificada como “uma escrita do “eu” que permite o ir e vir entre a experiência pessoal e as dimensões culturais, a fim de colocar em ressonância a parte interior e mais sensível de si”.

A pesquisa está em andamento, sendo que já foi realizada uma coleta de dados através de entrevista semi-estruturada e incursões presenciais por meio de participação observante. A entrevista foi realizada com a responsável principal pela respectiva Casa de Religião, a Mãe de Santo “Mãe Preta de Ogum”, praticante do Batuque há cerca de 47 anos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Batuque, no Rio Grande do Sul, configura-se como um modo de expressão religiosa afro-diaspórica que se caracterizou (e ainda se caracteriza) pela resistência cultural e étnica dos povos negros. De acordo com Nunes (2020):

O nome Batuque (assim como o nome “umbanda” ou “candomblé”) inclui grande número de tradições heterogêneas. As nações ou “lados” do Batuque são o nagô (de menor expressão e mais próximo às expressões dos candomblés das regiões nordeste e sudeste do país), o Oyó (Igbomina e Bangan), a Kambina (ou Cabinda), o Jeje e o Ijexá. É muito difícil definir, com precisão, as especificidades de cada nação, suas origens e desenvolvimento. Há uma mescla histórica e explícita dos “lados” onde se formam nações “híbridas” como a nação Jeje-Ijexá, caso mais tradicional de hibridez. Em menor medida, mas igualmente expressivas, se fala em nação Oyó-Ijexá, ou mesmo Jeje-Kambina. (NUNES, 2020)

Desde muito tempo, e em vários povos, sempre foi de uma grande importância manter os rituais praticados pelas diferentes sociedades, reconhecendo, celebrando e exaltando a presença dos nossos antepassados para que as tradições não se acabem.

Tomando como referência este pensamento sobre a importância dos rituais, podemos considerar que o sentido do desencarne/morte para as diversas formas de expressão religiosa se desdobra em seus vários significados, que irão depender muito da crença e da cultura onde estamos inseridos.

Especificamente para nós, praticantes e cultuadores do Batuque Afro-Gaúcho, o sentido da morte não está ligado ao fim, mas, sim, a uma ideia de passagem, de desligamento do corpo físico para entrega aos Orixás no plano espiritual.

Segundo Mãe Preta D’Ogum, “vida e morte estão ligadas por um fio condutor, o qual é cortado no momento do desencarne e o espírito é levado aos Orixás no momento determinado”. Corrêa (2012) e Mãe Preta D’Ogum concordam ao

manifestarem que, no Batuque, as explicações principais para a ocorrência da morte/desencarne concentram-se em duas causas: as naturais e as sobrenaturais. A respeito disto, são entendidas como causas naturais velhice ou doença não atribuída a fatores sobrenaturais; sobrenaturais são causas que não apresentam explicação racional ou comprobatória para a medicina ou sociedade.

Dentro da cultura do Batuque, o desencarne possui um lugar físico que simboliza a passagem da pessoa do plano material (encarnado) para o plano espiritual. Este lugar é chamado de “Balé” e é nele que são feitos os rituais de desligamento da pessoa que fez a passagem. Quando a pessoa desencarna, é no “Buraco” (outra nomenclatura popular para o “Balé”) onde começam os ritos que iniciam o processo de desligamento do mundo encarnatório, estabelecendo conexões com mortos e os antepassados. Moreira (2012) explica que:

O “buraco”, denominado Balé ou *Ighbalé*, que é o nome genérico dado ao local de culto aos mortos, se resume a uma pequena escavação no solo, podendo ser também uma imitação de sepultura ou uma pequena capela, tudo dependendo da disposição do sacerdote. Tratando-se, porém, de casas de Candomblé esta casa para os mortos é obrigatória, ressaltando-se, novamente, quando houver este culto no barracão. (MOREIRA, 2012)

Segundo Mãe Preta D’Ogum, é neste local onde se começam os rituais de desligamento, que posteriormente se estendem para o restante da Casa de Religião. É importante destacar o que Balé a que se está referindo aqui é específico da Nação Jêje, uma vez que para outras Nações de Batuque os fundamentos e a explicação podem divergir desta a que nos referimos. O Balé tem os seus cuidados e manutenção próprios que fazem uso de vela e flores e, em alguns casos, também são feitas comidas para oferenda aos Orixás e “Eguns” que estão ali.



Figura 1: À esquerda e ao fundo, a casa vermelha com porta frontal preta é um exemplo de Balé (ou Buraco) utilizado em Casas de Batuque no Rio Grande do Sul (Fonte: Blog O Candomblé)

O Balé tem também um significado muito importante para o desencarne, pois é nele que são feitos todos os rituais de desligamento da pessoa e só pode ser frequentado e trabalhado por pessoas que tenham liberação para isso. Em alguns casos, conforme relata Mãe Preta D’Ogum, existe um padrinho que é o responsável por zelar o lugar. O sentido da morte simboliza o início de uma nova jornada e se planta uma nova caminhada espiritual para aquele ser. Quando a pessoa “faz a

passagem" (desencarna/morre), passa então a ser chamada de Egun, que seria o nome dado à pessoa falecida e a todas aquelas pessoas não são religiosas. Este nome também não pode ser falado muitas vezes, pois, segundo Mãe Preta D'Ogum, "é como se estivesse chamando os espíritos, o que é muito perigoso, pois junto com eles podem vir outras 'coisas'".

Importante também é ressaltar que hoje ainda temos muito poucas referências escritas sobre as práticas ritualísticas de Nação Jêje dentro da cidade de Arroio Grande e que os estudos que estão sendo feitos tem como uma das principais bases as narrativas e depoimentos orais de pessoas já iniciadas há bastante tempo na religião, como é o caso da entrevistada nesta pesquisa.

Percebe-se nas falas da Mãe Preta D'Ogum uma grande satisfação ao saber dos estudos realizados dentro da sua Casa de Religião, a partir da investigação aqui empreendida. Ela se mostrou à disposição para adentrarmos no próximo momento da pesquisa, de modo a prosseguir com o estudo dos rituais que são realizados após a morte das pessoas iniciadas, de modo a compreender todos os significados que envolvem esse momento. Com isso, a expectativa é de futuros estudos e partilhas com esta Casa de Religião, para além das falas e conversas, e da fruição de todas as fotos que serão disponibilizadas para a pesquisa.

4. CONCLUSÕES

A importância desse tema é algo fundamental para a construção da nossa sociedade, seja ela religiosa ou não, pois constitui um momento de partilha cultural dentro e fora dos terreiros da cidade de Arroio Grande, exaltando a resistência da diáspora negra através da cultura Afro-Brasileira e Afro-Gaúcha.

O Batuque tem como uma de suas bases a oralidade, fazendo com que o corpo seja a própria materialidade do conhecimento. Desta forma, é que se relacionam ao universo simbólico das culturas de matriz africana os ritos que chamam/invocam os Orixás à Terra, tais como outros aspectos das práticas religiosas que não estão baseados em textos escritos, mas na transmissão oral e nas práticas corporais. Podemos perceber, então, que estes mesmos aspectos dentro do Batuque do Rio Grande do Sul são destacados também por nossa entrevistada. Assim como celebramos a vida, o desencarne tem um papel de muita importância dentro dos rituais do nosso Batuque Afro-Gaúcho, pois é um momento de celebração e de muitos cuidados, e também é um ato de desligar todos os laços para que o falecido possa seguir no caminho de Orum (Terra dos Orixás).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CASTILLO, Lisa Earl. **Entre a oralidade e a escrita: a etnografia nos candomblés da Bahia**. Salvador: EDUFBA, 2008.

CORRÊA, Norton. **O Batuque do Rio Grande do Sul: Antropologia de uma religião afro-rio-grandense**. 3. ed. São Luís: Cultura & Arte, 2016.

O BATUQUE DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre: Alexandre Honorato Custódio:, 2016. Anual. Alexandre Honorato Custódio: Disponível em: <https://ocandomble.com/2016/10/26/o-batuque-do-rio-grande-do-sul-uma-religiao-de-orixas/> . Acesso em: 14 Set 2023.